

AS ALIANÇAS E OS ALIADOS NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL, SEGUNDO OS REGISTROS *MARWORNO*¹

Ramiro Esdras Carneiro Batista (UNIFAP/AP)
Daniel da Silva Miranda (UEPA/PA)
Gildo Firmino Nunes (UNIFAP/AP)

Palavras-chave: Segunda Guerra Mundial – História Indígena – Povo *Galibi Marworno*

Potenciais conflitos territoriais e consequente disputa bélica entre potências coloniais na região do escudo das guianas, como alardeadas na mídia brasileira contemporânea, escamoteiam um processo de longa duração que compreende a produção de fronteiras arbitrárias no interior da Amazônia caribenha, ao longo de séculos de história. Essa constatação nos permite questionar a premissa defendida por Bruit (1987), de que a América não teria sido esquarterada como a África, muito embora o “esquarteramento” territorial aqui tenha ficado mais restrito à porção amazônico-caribenha do continente, talvez, em função do gigantesco amálgama territorial produzido nas Américas portuguesa e espanhola ao longo de séculos, antes que se levantasse de forma definitiva o grande retaliador estadunidense, bem como as demais potências imperialistas do século XX que operacionalizaram as guerras mundiais.

A colonização dos territórios guianenses, demarcada entre fluxos e refluxos pelo clarim de diferentes máquinas de guerra euro-americanas, determinou a sujeição dos territórios de uma miríade de povos afro e indígenas, que participaram da produção dos novos recortes territoriais engajando-se, ora como aliados, ora como inimigos dos agentes coloniais, embora se trate de uma coparticipação no plural, irremediavelmente heterogênea. (SPIVAK, 2010). Nesse aspecto, o exercício de (re)compôr a história da colonização guianense deve se dar a partir de fontes mnemônicas e historiográficas outras, que não a própria produção eurocentrada. Exercício que ganha novos significados quando nos deparamos com os registros da contra-história ou, se quisermos assim conceituar, de uma modalidade de antropologia-reversa, tornada possível pelo trabalho de uma elite de pessoas indígenas que se

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

aplicaram/aplicam à apropriação das ferramentas de domínio cultural do colonizador, na tentativa de organizar seu mundo e seu próprio lugar na história.

Aparentemente, foi a partir desse exercício de “se reassenhorear de si mesmo” e de seu lugar na história/mundo – proposição de Albert Memmi em direção ao sujeito colonizado (MEMMI, 2007, p. 177) – que os manuscritos do ancião indígena *Koko Tavi*² foram coligidos ao longo do século XX, guardando, no tempo presente, o potencial de permitir-nos o vislumbre de uma história *Galibi Marworno*, tida e havida em seus próprios termos, no caso de conseguir-se realizar uma tradução intercultural adequada. O Povo *Galibi Marworno* a quem pertence o nosso escritor/memorialista guarda difusas origens, sendo classificado pela agência indigenista brasileira como de ascendência *Carib*, e atualmente estão territorializados na Terra Indígena *Uaçá*, município de Oiapoque/Amapá/Brasil. Mesmo com seu etnônimo sendo composto pelo genérico *Galibi*, o povo *Marworno* “não possu[i] parentesco direto como os *Galibi Kalinã* (VIDAL, 2001, p. 118), os últimos habitando majoritariamente a margem francesa da guiana.

Dito isto, nesta reflexão inicial pretende-se, aos manuscritos indígenas, acrescentar informações coligidas sobre a Segunda Guerra Mundial no interior da Guiana portuguesa – atual ente federado do Amapá/Brasil –, tendo em vista que a conflagração talvez seja o conflito mais bem documentado da história global, tendo em vista o vigor documental da propaganda de guerra das nações beligerantes. Dos registros constantes do diário indígena, nos concentraremos nas menções a segunda guerra mundial, evento que parece ter marcado um profundo sulco na memória do Povo *Marworno*, a julgar pelo que está posto nos manuscritos de *Koko Tavi* (Manoel Firmino).

Registros das guerras mundiais na memória/história indígena

Inicialmente chama a atenção que os registros do memorialista *marworno* denotam a chegada, em fluxo contínuo, de pessoas de origem afro-guianense, supostamente fugindo das convocações compulsórias para a segunda guerra estabelecidas pelo governo da Guiana Francesa, atual território ultramarino francês na América. Vejamos o que relata o Senhor *Koko Tavi* (Manoel Firmino):

² Escritor/memorialista indígena cujo acervo pessoal inspirou o presente artigo. *Koko Tavi* foi detentor de registro civil brasileiro em que seu nome era Manoel Firmino, nascido em 01 de junho de 1953, na Terra Indígena *Uaçá*; e falecido em 23 de junho de 2016, na cidade de Oiapoque/AP.

Hai os negros embarcaram, morrendo de fome, na canôa, os índios deram farinha, deu caça, passaros, muquiado, comeu, deu xibé, bebeu, no mesmo dia voltaram para casa. Nessa mesma data, o cacique reuniu com o povo [...] Disse[ram]: — Nô vini di nô péy, Afrique, no mahô, dji Bhezil, igaiê 1º laque, ie ka bhiga, ie ka txiêbe um fam, pu kant elirn, âcam keyeh, si upole, ie ka txieu, ie ka txiebu pu vâdeu pu guvelmã, pu thavai pu bôtxio, se upole thavai, axikot la do, uka thavai pu um pla mâje, nuyt kuju, pa gaiê repouso, uka fé exclave, amize, afê, apuça igaiê buku mun que mahô dji Bhezil, akôça kacike! Hai vinha nessas horas muitos índios, escuta[r] como os negros davam a notícia triste [e] todos os índios ficou sabendo, que tem guerra no Brasil, hai o cacique aceitou os negros, deu agasalho, deram alimentação, (...) os negros aceitavam tudo, aceitavam os sistemas, as culturas dos índios. (TAVI, [19--?]).

O relato parece demonstrar que os *Buschinenguê* (pretos da floresta) que historicamente habitam diferentes topônimos das guianas francesa e holandesa, buscaram fugir da guerra dos brancos (guerra mundial), internando-se mais longe da região costeira e chegando aos territórios indígenas onde foram acolhidos mediante decisão da comunidade *Galibi* reunida. Aparentemente, afroguianenses refugiados de distintas etnias buscaram uma invisibilidade que lhes permitiria sobreviver aos conflitos mundiais, no interior florestal, e sob a proteção dos territórios *amerindien*.

A sombra da grande conflagração mundial chega ao território guianês e é confirmada pelo reconhecimento e pela identificação detalhada das máquinas de produzir morte, que podemos traduzir como dos *Karuãna*³ “dos brancos”. Segundo a memória *marworno*:

[O]s soldados da guerra venha, venha no navio, chegar[am] em frente do CABO ORANGE, espalham Barcos, lancha, môtör de popas, avião, tem um avião chama-se por nome: ZEPELIN. Ela funciona com lêmha, é cilênçioso, anda muito vagaroso, no ar, quando percebe[mos] já chegou ou já passou, é um avião de combate de 1º guerra Mundial e n[a] 2º guerra Mundial. (TAVI, [19--?]).

De acordo com o relato oferecido por *Koko Tavi* (Manoel Firmino), a máquina de guerra Zepelin atuou tanto no que teria sido a Primeira, quanto na Segunda Guerra Mundial, o que, por meio de uma leitura apressada de seu relato, poderia denotar uma falsa lembrança, ou seja, uma incongruência presente no seu relato que se revelaria quando confrontado com os fatos históricos conhecidos na localidade. Isso porque, o tal Zepelim, só chegou à região durante a Segunda Guerra, na ocasião em que o governo brasileiro cedeu aos estadunidenses

³ Entre os povos do Uaçá, *Karuãna* ou *Karuanã* refere um ser não humano que habita o território desde tempos imemoriais. Esses seres com quem o Xamã/Pajé interage são descritos com morfologia de predadores, por isso, também são chamados de “bichos” espirituais, quando designados em português. Os *Karuãna* podem ser agressivos ou terapêuticos, mediante o relacionamento que estabelecem com os Pajés, daí a alusão à possibilidade de serem utilizados como tecnologia bélica. (BATISTA, 2019).

uma porção daquele território para a construção de uma base militar no Amapá. Contudo, uma análise diacrônica e debruçada à forma, ao conteúdo e ao contexto da narrativa de *Koko Tavi* (Manoel Firmino), é capaz de notar um sentido de historicidade particular e uma interpretação de eventos no tempo que se distinguem daqueles que consensualmente a comunidade de não indígenas convencionou adotar para o conflito. Qual seja, o início, o meio, o fim e o intervalo entre um e outro conflito. Deste modo, tal e qual caracterizamos anteriormente, da perspectiva indígena, a contagem de tempo para os dois conflitos mundiais tende a mesclá-los em uma única narrativa, oferecendo, portanto, uma interpretação que irrompe com a perspectiva tradicional de dois ciclos nas guerras eurocentradas.

Mas para aqueles que preferem manter alguma assimetria que privilegia a lógica ocidental, é importante saberem que tal sentido de história encontra amparo mesmo no terreno do conhecimento não indígena. Eric Hobsbawm (1995), por exemplo, também indicou que a Primeira e a Segunda Guerra Mundial igualmente podem ser consideradas como um único conflito, uma vez que, ainda de acordo com o historiador inglês, o período entre guerras correspondeu a uma preparação para um segundo momento da conflagração. Oferecendo, por isso, um quadro que é consoante à interpretação do autor indígena.

Avançando mais nos manuscritos, fica a distinção entre uma primeira e uma segunda Grande Guerra, delimitada pela memória *Galibi Marworno*, principalmente por meio do contato com diferentes ondas de refugiados afroguianenses que atravessaram o Baixo Oiapoque, em direção à margem brasileira. O testemunho não parece tratar de refugiados dos conflitos mundiais propriamente ditos, uma vez que o escudo das guianas não foi um palco de operações importante – se comparado ao desastre operado na Europa – mas antes, de pessoas se evadindo da obrigação de ir morrer na guerra dos brancos, por meio de convocações compulsórias. Essa motivação diaspórica, que, cumpre dizer, é difícil de ser encontrada na “história oficial” da segunda guerra, coincidentemente escrita às expensas e para a glória dos aliados, e que propõe, inclusive, narrativas de heroísmo atribuído a pessoas e populações autóctones, que, supostamente teriam se engajado na luta, junto aos aliados, por puro “patriotismo”. Uma possível pista para entender a fuga dos negros da floresta em direção aos territórios indígenas do interior guianense pode ser inferida pela arbitrariedade da política de convocação de soldados nas colônias. Além disso, a propaganda nazista do período entreguerras espalhou-se pelo mundo, deixando claro qual o destino reservado às pessoas não brancas.

Distâncias e proximidades entre memória indígena e história ocidentalizada

Se há registros da atuação da máquina de guerra norte-americana na faixa costeira do Amapá – antes mesmo da declaração formal de guerra ser expedida pelo Brasil junto aos aliados – também grassam resquícios imagéticos e materiais da atuação da máquina de guerra alemã no sul do território, sobretudo no atual município de Laranjal do Jari/Amapá. Portanto, sabemos que os germânicos atuaram distantes do povo *Marworno* e dentro do território dos povos *Apalai* e *Wayana*, cuja origem é igualmente caribe e que, historicamente, estão territorializados entre o norte do atual estado do Pará e o sul do Amapá, principalmente entre as cachoeiras do rio Jari.

No filme nazista *Rätsel der Urwaldöhle* (Enigma da Caverna da Selva), produzido entre 1934 e 1938, finalmente, encontramos o braço de Hermann Göring (ministro da aeronáutica nazista) na Amazônia oriental guianense, quando ele patrocinou uma suposta e confusa expedição científica ao rio Jari, efetivamente realizada por um grupo de “pesquisadores”⁴ alemães e cerca de cinquenta guias indígenas a soldo. Das memórias e dos resquícios da atuação germânica na Amazônia brasileira percebe-se que os agentes alemães não detiveram uma ínfima parte dos recursos que detinham os estadunidenses na ilha do *Amapa'Ú*, que, por sua vez, moveram gigantesca logística para a implantação e equipagem de bases em diferentes pontos da costa atlântica brasileira, incluindo a do Amapá. Além de óbvios recursos financeiros para a contratação de guias, esses agentes alemães parecem ter disposto de somente um hidroavião e algumas toneladas de equipamento cinematográfico e de sobrevivência na selva (SERRÃO, 2014).

Voltando ao deslocamento afro-guianense narrado pelo Senhor *Koko Tavi* (Manoel Firmino) no norte da ilha, há registros de um evento ocorrido em março de 1943 na Guiana Francesa, tornada alemã⁵, em que teria ocorrido:

[U]m levante espontâneo, mas recuperado por líderes antinazistas guianenses [que] acabou com a fuga do governador colonial e o apoio das novas autoridades provisórias à Resistência francesa do general De Gaulle. Aliás, um dos primeiros integrantes da Resistência e da França Livre foi o governador colonial da África central francesa, de origem guianense, Félix Eboué, cujo exemplo muito influenciou os guianenses. A pedido das novas autoridades locais, a França Livre mandou um

⁴ O trabalho de André Gomes Julião versa sobre as expedições alemãs a Amazônia nesse contexto, abordando a boa recepção e posterior expulsão dos estrangeiros, mediante o desenvolvimento das alianças de guerra celebradas por Vargas. Para detalhes consultar: André Gomes Julião (2015).

⁵ Iuri Cavlak e Stéphane Granger (2014, p. 190-192) apontam que a Guiana Francesa foi ocupada pelos nazistas e seus colaboracionistas, pelo menos “de 1940 até 1943”, o que motivou Getúlio Vargas, sob pressão norte-americana, a preparar um plano de invasão e anexação do território ultramarino francês ao Brasil. A invasão brasileira/estadunidense visava a prevenir possível “desembarque de tropas alemãs através da Guiana Francesa”.

governador, Jean Rapenne, para administrar a Guiana e oficializar seu novo alinhamento. **Centenas de jovens franco-guianenses se alistaram no Exército da França Livre e combateram, na França e na Alemanha, depois do desembarque na Provença, em agosto de 1944.** A França Livre, tornando-se novamente República Francesa, foi reconhecida como a França verdadeira depois do derrubamento do governo colaboracionista, e considerada, como aliada dos EUA e do Reino Unido, um dos vencedores da 2ª Guerra mundial. (CAVLAK E GRANGER, 2014, p. 74 [grifos nossos]).

Importa dizer que, quando escrutinamos a história narrada das federações afro-guianenses para a *ladjé*, a guerra anti-escravista pelejada por pessoas negras contra agentes holandeses e franceses, em toda a faixa costeira das guianas (BENOÎT, 2019), podemos supor que não faria sentido para os *Buschinengê*, os pretos da floresta que há trezentos anos lutam pela manutenção de um “país *Saamaka*” independente dos brancos e crioulos da faixa costeira, irem morrer nas guerras mundiais por um patriotismo que jamais lhes pertenceu (PRICE, 1983). Isso nos permite inferir também que, entre aquelas centenas de jovens franco-guianenses que “se alistaram” no exército francês para morrerem no palco de guerra europeu, deve ter existido um contingente de pessoas engajadas à força, fato comum na história de praticamente todas as convocações de guerra dos países supostamente civilizados.

É fato que a historiografia e a iconografia referente à Segunda Guerra Mundial são pródigas em registros de bravura e heroísmo por parte de pessoas e povos etnicamente diferenciados, tornados “patriotas imediatos” contra as forças do Eixo, quando se sabe que estes vivenciaram, antes e depois das guerras mundiais, conflitos internos contra os estados nacionais cerceadores de seus direitos socioterritoriais. Como exemplo disso, a indústria cinematográfica norte americana registrou o engajamento de Guerreiros Navajos⁶ em luta contra os japoneses na Batalha do Pacífico, por volta de 1944. É sabido inclusive de estratégias, línguas e códigos de guerra indígenas que foram utilizados com sucesso pelos aliados, mas, o que não se sabe é que tipo de motivação ou arbítrio teria engajado essas pessoas, visto que a escrita da história da grande conflagração é monopólio dos estados vencedores que, tão logo encerrada a guerra mundial, distribuem medalhas individuais e retomam a guerra de baixa intensidade contra os povos dominados no interior de suas possessões territoriais. Como lembra Ailton Krenak (2019), é guerra o tempo todo e em absolutamente todos os lugares e não há motivos para crer que os originários e afro-guianenses se sentissem entusiasmados em morrer em mais uma conflagração dos “brancos”.

⁶ Referimo-nos, especificamente, à película intitulada *Windtalkers* (Códigos de Guerra), dirigido por John Woo, em que se retrata a história da participação de guerreiros Navajos no esforço de guerra, demonstrando o uso de línguas e códigos indígenas como determinantes para a vitória sobre os japoneses em 1945. (CÓDIGOS DE GUERRA, 2002).

Considerações provisórias

No presente texto iniciamos algumas reflexões sobre as memórias inscritas no diário pessoal de *Muchê Koko Tavi*, falecido indígena *Marworno* também conhecido como Manoel Firmino. Não obstante às particularidades culturais ao narrar experiências vividas e das idiossincrasias do português indígena, pode-se sustentar que a análise das memórias escritas mencionadas oferece uma perspectiva de contra-história ou de antropologia reversa, porque escrita nos termos *Marworno*, desvelando sentidos de historicidade e marcações de tempo, que também são próprias.

Por tais caminhos que nos apresentam a perspectiva indígena, podemos (re)constituir os descaminhos percorridos, perceber os impactos e os impactados pela Segunda Guerra Mundial na região, visto que as movimentações das máquinas de guerra no período parecem ter intensificado o processo de colonização e "abrasileiramento" da antiga Guiana luso-brasileira, através da ocupação territorial possibilitada pela implantação de uma base aérea e naval dos Estados Unidos na região. Assim, é possível afirmar que as alianças diplomáticas entre EUA e Brasil durante a guerra teriam conferido ao Ministério da Guerra brasileiro o controle total do território da ilha continental do Amapá, o que posteriormente a tornaria um ente federado brasileiro.

Finalmente, vislumbra-se no registro indígena que as pessoas da região acionaram antigas redes de relação e aliança a fim de se protegerem dos desastres da vida em um mundo regido pela lógica beligerante, predatória e compulsória do branco. Uma rede de relações humanas e não humanas foi acionada, portanto, para que se garantisse a vida dos etnicamente diferenciados, o que envolveu uma aliança entre as dimensões do mundo espiritual, animal e biológico, desvelando pistas esinais das zonas de contato amazônicas onde a luta pela existência uniu, uma vez mais, as pessoas indígenas e as pessoas afro-amazônicas. Das definições sobre quais são as alianças e quem são os aliados na Segunda Guerra Mundial depende, portanto, do lugar de pertença e do ponto de vista de quem cultiva a memória e descreve a história.

Referências

BATISTA, Ramiro Esdras Carneiro. *Keka Imawri: narrativas e códigos de guerra entre os Palikur-Arukwayene*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará, 2019.

BENOÎT, Waddy Many Camby. [Entrevista e narrativas concedidas] a Ramiro Esdras Carneiro Batista, na zona urbana do município de Oiapoque/Amapá, 2019.

BRUIT, Héctor Hernan. *O Imperialismo*. Campinas: Editora da Universidade de Campinas, 1987.

CAVLAK, Iuri & GRANGER, Stéphane. Entre criação do Amapá e intercâmbios econômicos, as consequências da Segunda Guerra mundial nas relações entre o Brasil e a Guiana Francesa. *Fronteiras & Debates*, v.1, p. 67-80, 2014. Disponível em <<https://periodicos.unifap.br/index.php/fronteiras/article/view/1512/844>> Acesso em 9 dez. 2021.

CÓDIGOS DE GUERRA. Direção: John Woo. *Rio de Janeiro: Adoro Cinema*, 2002. Disponível em <<https://www.adorocinema.com/filmes/filme-26823/>> Acesso em 20 jun. 2022.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1995.

JULIÃO, André Gomes. *Chô! Chô! Passarinho: a recepção brasileira às expedições científicas alemãs, 1933-1942*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade de São Paulo, 2015.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido de Retrato do colonizador*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

PRICE, Richard. *First-Time: the historical vision of an Afro-American People*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1983

SCHMUNZELTV. Riddles of the Jungle Hell (1938) - Em nome dos nazistas até o fim do mundo. 2014. vídeo (2h 36min.). Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=cr0eXOtuMjs>> Acesso em 9 jan. 2021.

SERRÃO, Filipe. *Expedição Nazista na Amazônia*. Amapá: Instituto Federal do Amapá. 2014. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=a_8JRWgkYbo> Acesso em 9 jan. 2021.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar*. Belo Horizonte, UFMG, 2010.

TAVI, koko (Manoel Firmino). *História dos Galibi Marworno do Rio Uaçá: no passado de ontem – no presente de hoje*. (Manuscrito inédito). [19--?].

VIDAL, Lux. Mito, história e cosmologia: as diferentes versões da guerra dos Palikur contra os Galibi entre os povos indígenas da Bacia do Uaçá, Oiapoque, Amapá. *Revista de Antropologia*, 44(1), 2001, p. 117-147.